

Caminhos de Santiago: uma Europa peregrina

JOSÉ ANTUNES DA SILVA

A cidade de Santiago de Compostela é, a par de Jerusalém e de Roma, um dos principais lugares de peregrinação cristã. A sua importância no contexto da história do cristianismo decorre da convicção, sustentada por antigas tradições, de que o Apóstolo São Tiago foi sepultado no local onde hoje se ergue a catedral compostelana. Esta convicção fez convergir para Santiago de Compostela inúmeros peregrinos, nomeadamente durante a Idade Média, o período áureo da peregrinação compostelana. Hoje, após um período de declínio iniciado nos alvares da Idade Moderna, verifica-se o regresso em força da peregrinação de que são sinais o aumento significativo do número de peregrinos e a vitalidade das expressões rituais e simbólicas relacionadas com os caminhos de Santiago.¹

¹ A Reforma protestante (séc. XVI) provocou um acentuado declínio no fluxo de peregrinos, nomeadamente do Norte da Europa. Nos meados do século XX a peregrinação a pé tinha quase desaparecido, sem dúvida, em consequência do racionalismo vigente e da secularização das sociedades europeias. Porém, nas últimas décadas, sobretudo após a peregrinação do Papa João Paulo II a Compostela por ocasião da IV Jornada Mundial da Juventude (1989), deu-se um renascer significativo da peregrinação a Santiago. Hoje, são centenas de milhar os peregrinos que, sobretudo nos Anos Santos, fazem o caminho a pé. Para uma breve panorâmica da evolução da peregrinação a Compostela desde o fim da Idade Média ver A. ABREU, «A peregrinação e o Estado Moderno» in *Actas do III Encontro sobre os Caminhos Portugueses a Santiago* (Valença, 1997): 233-248.

1. As origens

Um lugar

Num dado momento histórico, um conjunto de eventos transformou Compostela num lugar especial de peregrinação no contexto da Europa cristã. No princípio do século IX, num bosque onde hoje se ergue a catedral de Santiago de Compostela, foi descoberto um monumento sepulcral com três corpos. Os intervenientes na descoberta julgaram estar perante os restos mortais do Apóstolo São Tiago e de dois dos seus discípulos. Tradições posteriores adornaram este acontecimento com uma série de episódios prodigiosos, supostamente presenciados por um eremita. Este afirmara que, durante várias noites, tinha visto luzes no bosque e escutado cânticos angélicos. Julgando estar na presença de um fenómeno sobrenatural, decidiu informar o bispo de Iria Flavia, Teodomiro. O bispo, acompanhado do seu séquito, dirigiu-se ao local indicado e encontrou as ruínas de uma antiga igreja e de um túmulo, não tendo dúvidas em declarar que aquele era o sepulcro do Apóstolo São Tiago. Este evento é conhecido entre os historiadores como o «descobrimento» ou «*inventio*» da tumba do Apóstolo.² O reconhecimento do local e autenticação da descoberta instituíram um lugar sagrado de primordial importância para os cristãos. O bispo Teodomiro apressou-se a publicitar o «descobrimento» entre os reinos cristãos da Europa de então. Posteriormente construiu-se a primeira igreja, consagrada no ano 834. Deste modo, confirmava-se o lugar como um espaço sagrado que rapidamente se converteria num espaço singular no contexto da Europa cristã.

Segundo Ronald Grimes, para a celebração de um ritual é necessário, entre outros elementos, a existência de locais apropriados, a que ele chama «*founded places*» e que podemos traduzir por «lugares estabelecidos ou instituídos».³ O estabelecimento (*founding*) destes lugares ocorre quando se faz a demarcação de fronteiras: dentro e fora, espaço aberto versus espaço fechado, o que está escondido e o que está manifesto. A distinção entre participante e observador, num ritual, depende do lugar e do modo como a pessoa se posiciona durante

² Cf. LLORCA, VILLOSLADA, MONTALBAN, *Historia de la Iglesia Católica, II: Edad Media* (Madrid: BAC, 1963): 414-423; A. IGLESIAS, «El 'descubrimiento' del sepulcro del Apóstol Santiago en el siglo IX», COMISIÓN DIOCESANA DEL AÑO SANTO, *El Apóstol Santiago y su Proyección en la História* (Santiago de Compostela: 1992): 23-32.

³ R. GRIMES, *Beginnings in Ritual Studies* (Lanham: University Press of America, 1982): 55, define ritual do seguinte modo: «ritualizing transpires as animated persons enact formative gestures in the face of receptivity during crucial times in founded places.»

a realização do mesmo. Grimes afirma que a forma como uma pessoa cruza as fronteiras desses lugares já diz quem ela é e o que faz ali. Nesta perspectiva, podemos afirmar que a convicção de Teodomiro – e do povo que o acompanhava – criou um lugar especial que se transformou, num curto espaço de tempo, num centro convergente da cristandade medieval, onde as pessoas que ali chegavam se definiam essencialmente na sua condição de peregrinos. Todavia, o enigma da «*inventio*» continua a desafiar os historiadores e pode sintetizar-se na pergunta formulada por Llorca, Villoslada e Montalban: «Por qué razón aquellos compostelanos o irienses del siglo IX dijeron que el cuerpo por ellos descubierto en una arca funeraria era precisamente del apóstol Santiago?»⁴ Os historiadores têm sugerido várias tentativas de solução deste enigma, até hoje, inconclusivas.

A partir da Bíblia sabemos que Tiago era natural da Galileia e, tal como seu pai Zebedeu e seu irmão João, era pescador (Mc 1, 16-20). Na tradição da Igreja é conhecido como São Tiago Maior para o distinguir de outras figuras do Novo Testamento com o mesmo nome. Juntamente com Pedro, André e João, Tiago fazia parte do primeiro grupo de discípulos chamados por Jesus. Este grupo acompanhou o Mestre em momentos especiais do seu ministério e da sua vida como a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5, 22-24.35-42), a transfiguração (Mc 9, 2-8) ou a agonia no Getsémani (Mc 14, 32-42). Segundo o livro dos Actos dos Apóstolos, Tiago foi o primeiro dos Apóstolos a morrer mártir, tendo sido decapitado em Jerusalém, provavelmente no ano 44, por ordem do rei Herodes Agripa I (Act 12, 2). A tradição, mais ou menos lendária, diz que Tiago anunciou o Evangelho na Península Ibérica⁵. É também com base em tradições de incerto rigor histórico que se afirma que, após o seu martírio em Jerusalém, dois dos seus discípulos trasladaram o seu corpo numa barca para o sepultar na região onde evangelizara. Atravessaram o mar Mediterrâneo, entraram no oceano Atlântico e aportaram na costa da Galiza. Depois de vencidos alguns obstáculos, sepultaram o seu corpo num bosque da região. Mais tarde, durante a ocupação muçulmana (séc. VIII), ter-se-á perdido o rasto do presumível local onde se encontraria o seu túmulo.

⁴ LLORCA, VILLOSLADA, MONTALBAN, *Historia*: 416.

⁵ As tradições sobre a pregação de Tiago na Hispânia são tardias. O documento mais antigo foi redigido nos inícios do século VII. Cf. H. SANTIAGO-OTERO e K. REINHARDT, «As controvérsias sobre a vinda e a pregação do Apóstolo Santiago em Espanha, segundo Roa Dávila» in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela* (Lisboa: Ed. Távola Redonda, 1992): 42-52. Segundo Llorca, Villoslada e Montalban, *Historia*: 417, é possível que, só por volta do ano 800, os habitantes da Galiza começassem a ouvir falar de tradições que referiam a pregação do Apóstolo Tiago na Península Ibérica.

Uma meta

O «descobrimento» do sepulcro do Apóstolo Tiago ocorreu no começo do século IX, durante o reinado de Afonso II das Astúrias. Nessa época a maior parte da Península Ibérica estava sob domínio muçulmano e os cristãos ensaiavam as primeiras ofensivas militares para recuperar o território perdido durante a invasão muçulmana. O «descobrimento» do túmulo foi devidamente divulgado, primeiro a nível regional, depois, a nível europeu.⁶ Assim, num primeiro momento, Teodomiro apressou-se a informar o rei das Astúrias. Afonso II, acompanhado da sua corte, dirigiu-se em peregrinação a Compostela, colocando-se a si próprio e ao seu pequeno reino sob a protecção do Apóstolo. Posteriormente, o bispo e o rei cuidaram de informar o imperador e o papa acerca de tão precioso achado.⁷

A divulgação da notícia por toda a Europa transformou Compostela num local privilegiado de peregrinação. O facto de possuir um tesouro invulgar, concretamente o túmulo de um dos doze apóstolos, conferia-lhe um estatuto especial no conjunto das outras igrejas da Cristandade, só comparável a Roma e Jerusalém.⁸ Tenha-se em conta que, na Idade Média, as relíquias dos santos eram tidas em alta estima. Elas desempenhavam um papel de relevo na religiosidade medieval e a sua posse legitimava autoridades, solenizava festividades

⁶ Sobre a «invenção» das relíquias de São Tiago e o impacto do «descobrimento» do seu túmulo na Hispânia cristã e na Europa, ver J. MATROSO, «O tempo hispânico e a 'invenção' de São Tiago» in *Communio* XIV (1997): 363-374. Também R. Plotz, num artigo interessante, apresenta a origem e o desenvolvimento do culto a São Tiago na Península Ibérica, não descurando as componentes sociais e políticas deste fenómeno. Cf. R. PLOTZ, «O desenvolvimento histórico do culto de Santiago» in *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela* (Lisboa: Ed. Távola Redonda, 1992): 53-66.

⁷ O «descobrimento» do sepulcro de São Tiago terá ocorrido, provavelmente, entre os anos 825 e 830. Todavia, algumas lendas medievais francesas associam o nome do imperador Carlos Magno a este evento. Neste caso, o «descobrimento» teria ocorrido antes de 814, data da sua morte. Todavia, esta tradição parece ser apenas mais um elemento para engrandecer a importância do lugar e associar Compostela à figura tutelar do imperador.

⁸ Segundo J. CROATTO, *Experiencia de lo Sagrado: Estudio de Fenomenología de la Religión* (Estella: Verbo Divino, 2002): 383-385, uma das características próprias da peregrinação é a existência de uma «meta precisa», por exemplo, a veneração de uma relíquia ou a intercessão de alguma graça. Neste sentido, a catedral que acolhe o túmulo do Apóstolo é a meta especial e concreta para a qual se encaminham os passos de todos os peregrinos que partem para Compostela.

litúrgicas e conferia prestígio a um lugar.⁹ Neste aspecto, Compostela possuía uma relíquia especial: o sepulcro de São Tiago. Não tardou muito que peregrinos de toda a Europa comesçassem a acorrer a Compostela para venerarem as suas relíquias, tornando-se num ponto de referência na espiritualidade medieval. A posterior instituição do Ano Santo Compostelano, no século XII, contribuiu decididamente para o incremento da peregrinação e o prestígio do local.¹⁰

Os caminhos

Um lugar sagrado convertido em meta de peregrinação dá, inevitavelmente, origem a caminhos não só de âmbito geográfico, mas também de contornos espirituais. Deste modo, com o passar do tempo, os peregrinos que demandavam o túmulo de São Tiago foram traçando uma rede de caminhos através da Europa cuja meta era a cidade de Compostela. O movimento de peregrinos era tanto que no século XII esses caminhos já estavam perfeitamente definidos. O célebre guia do peregrino, chamado *Codex Calixtinus*¹¹, atribuído ao monge

⁹ Sobre o papel das relíquias na sociedade medieval ver artigo de A. GOUVEIA, «Relíquias» in *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2001). As relíquias eram tidas em alta estima na Idade Média e a sua veneração era um momento crucial da peregrinação. Vejamos dois exemplos reveladores da importância que as relíquias tinham na devoção dos cristãos da Idade Média e mesmo de épocas mais recentes. O célebre *Codex Calixtinus* dedica um capítulo inteiro à enumeração dos corpos de santos que descansam no caminho de Santiago e que os peregrinos deviam visitar devotamente. Séculos mais tarde, ao fazer o relato da sua peregrinação no caminho português, em 1596, também Confalonieri não se esquece de mencionar os corpos dos santos que vai visitando. Entre outros refere os mártires de Marrocos, em Coimbra, São Pedro de Rates, em Rates, que teria sido discípulo do próprio São Tiago, São Telmo, em Tui, de quem curiosamente afirma que se celebrava o culto ainda que não estivesse canonizado. Já em Santiago de Compostela, Confalonieri dedica um extenso parágrafo do seu relato a enumerar as várias relíquias que visitou. O texto de Confalonieri encontra-se em J. CONFALONIERI e J. MELÉNDEZ, *El Camino Portugués* (Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 1988): 17-37.

¹⁰ Em 1122, o papa Calisto II concedeu à Igreja Compostelana o privilégio de celebrar o Ano Santo. O papa Alexandre III, em 1179, determinou que o Ano Santo Compostelano fosse celebrado sempre que o dia 25 de Julho, festa do Apóstolo, coincidisse com o domingo. Desde então a sequência das celebrações jubilares tem-se mantido inalterada, celebrando-se precisamente este ano (2004) o primeiro Ano Santo do terceiro milénio.

¹¹ O *Liber Sancti Iacobi*, conhecido como *Codex Calixtinus* por se atribuir erradamente a sua composição ao papa Calisto II, é uma espécie de manual ou guia informativo do peregrino. O Livro V do *Codex Calixtinus* descreve o caminho de Santiago, da França até Compostela, dando informações pormenorizadas sobre as igrejas, os hospitais, as gentes, a alimentação, as fontes, os rios, os costumes locais, etc. Existem várias edições só do Livro V. Ver, por exemplo, a tradução espanhola *Guía del Peregrino Medieval (Codex Calixtinus)* por M. BRAVO LOZANO (Sahagún: Centro de Estudios del Camino de Santiago, 1997).

francês Aymeric Picaud e escrito por volta do ano 1130, já identifica claramente quatro caminhos precisos que cruzam a França. Três destes percursos, os caminhos Paris-Tours-Bordéus, Vézeley-Limoges e Le Puy-Conques, juntam-se em Ostabat e entram em Espanha, cruzando os Pirinéus em Roncesvalles. O quarto caminho sai de Arles, passa por Toulouse e atravessa os Pirinéus por Somport, seguindo por terras aragonesas.¹² O itinerário de Roncesvalles passa por Pamplona e une-se com o percurso aragonês em Puente de la Reina. Aqui formam um único caminho até Compostela, que atravessa Burgos, León e Astorga e é conhecido como o *caminho francês*, sem dúvida o mais emblemático e o mais famoso de todos os caminhos de Santiago.

Se o *caminho francês* era a rota natural seguida pelos peregrinos procedentes das regiões europeias para lá dos Pirinéus, havia outros caminhos que conduziam a Santiago, nomeadamente o *caminho português*¹³ e a *via da prata*¹⁴, utilizados pelos peregrinos oriundos de Portugal e do Sul de Espanha.¹⁵

¹² Convém salientar que no início destes quatro percursos já desembocavam inúmeras rotas que vinham de todos os países do Norte, Centro e Sul da Europa.

¹³ Em Portugal, o contínuo fluxo de peregrinos durante a Idade Média foi traçando caminhos em direcção a Santiago. Com origem em diversos pontos do território português, os caminhos iam convergindo uns nos outros até desembocarem em duas grandes rotas em direcção à Galiza: uma pelo litoral, a partir de Valença, e outra pelo interior na direcção de Chaves. O caminho, que vindo do Sul e segue pelo litoral, é conhecido como o caminho português. Alguns investigadores colocam o seu início em Lisboa, outros em Coimbra, cf. *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago: Lisboa-Santiago* (Xunta de Galicia, 1999); C. ROSAL, *De Oporto a Santiago por el Camino Português* (1999). O caminho de Santiago começa, naturalmente, na casa de cada peregrino. Todavia, existem determinados pontos geográficos que assumiram especial importância por serem pontos de convergência de caminhos secundários. Al Idrisi, um geógrafo árabe do século XII, destaca a cidade de Coimbra como ponto de partida de dois caminhos para Santiago, um por via marítima e outro por terra, cf. P. LOPEZ-ORCAZBERRO, «Los caminos portugueses a Santiago en la obra del geógrafo árabe Al-Idrisi» in *Actas do III Congresso*: 51-59. Não desvalorizando as várias alternativas do percurso na zona de Entre-Douro-e-Mínho, nomeadamente as variantes de Viana e de Braga, o *caminho português* mais utilizado, quer na Idade Média, quer nos dias de hoje, parte de Lisboa, passa por Tomar, Coimbra e Porto, de onde segue em direcção a Rates e Barcelos, passando depois em Ponte de Lima e entrando na Galiza por Valença e Tui, continuando por Pontevedra e Padrón.

¹⁴ A *via da prata* parte de Sevilha e, seguindo as antigas estradas romanas, sobe a Península Ibérica por Mérida, Salamanca e Zamora. Aqui alguns peregrinos seguiam para Oeste na direcção de Ourense e outros continuavam para Norte até Astorga onde tomavam o *caminho francês*.

¹⁵ Na Península Ibérica há ainda outros caminhos importantes como, por exemplo, o *caminho do Norte*, que vem do litoral cantábrico e o *caminho inglês*, utilizado pelos peregrinos que viajavam de barco das Ilhas Britânicas até à Corunha e daqui seguiam a pé para Santiago.

Os caminhos de Santiago nasceram como caminhos de fé, mas tornaram-se vias que facilitaram o intercâmbio cultural. Por eles passaram, ao longo dos séculos, incontáveis peregrinos de todos os países da Europa, contribuindo substancialmente para o intercâmbio de pessoas, ideias e bens. Através dos caminhos de Santiago, difundiram-se ideias políticas, movimentos estéticos, estilos arquitectónicos, doutrinas teológicas, sistemas filosóficos, devoções e produtos.¹⁶ À sua beira construíram-se igrejas, conventos, hospitais, albergues e hospícios para acolher os peregrinos, prestar-lhes assistência religiosa e cuidar dos doentes.¹⁷

2. A peregrinação

A peregrinação não é uma manifestação exclusivamente religiosa todavia ocupa um lugar proeminente na maior parte das religiões.¹⁸ Na história do cristianismo são mundialmente conhecidas as peregrinações a locais relacionados com a vida de Jesus Cristo (Terra Santa) ou dos Apóstolos (Roma, Santiago de Compostela) e as que têm como meta alguns santuários marianos de renome como, por exemplo, Lourdes, Fátima e Chestochowa. Há, todavia, muitos outros santuários de expressão nacional, regional ou local que são não só importantes centros de peregrinação onde se celebram determinados cultos religiosos mas que também funcionam como factor de identificação sócio-cultural.

¹⁶ Como muito bem observa J. Mattoso, o culto a São Tiago foi um factor unificador de grande alcance na Cristandade ocidental: liga a cristandade hispânica às suas origens apostólicas e ao atrair fiéis de todo o orbe católico, impulsiona os contactos com gente de todas as origens, «fazendo exercitar de uma maneira vivencial o espírito de unidade, apesar de todas as diversidades de gostos, de estilo e de costumes». Cf. J. MATTOSO: 370.

¹⁷ Como exemplo significativo da profusão de serviços de apoio ao peregrino medieval, veja-se o caso da cidade de Astorga, onde funcionavam cerca de 25 instituições caritativas. Cf. A. PRIETO, «El camino de Santiago a su paso por Astorga» in *I Congresso*: 103-120. Para mais informação sobre a assistência aos peregrinos medievais ver, por exemplo, J. MARQUES, «A assistência aos peregrinos, no Norte de Portugal, na Idade Média», in *I Congresso*: 123-134; A. RODRIGUEZ, «A hospitalidade como signo distintivo dos camiños de peregrinación», in *III Encontro*: 311-336.

¹⁸ Etimologicamente a palavra «peregrinar» vem do latim e significa «andar através dos campos». Mais tarde, a palavra «peregrinação» passou a designar também a viagem a um local sagrado. Para além do seu evidente sentido de jornada física, utiliza-se igualmente para designar a caminhada interior e espiritual. Cf. A. DUPRONT, «Pèlerinage», in P. POUPARD, *Dictionnaire des Religions* (Paris: Presses Universitaires de France, 1984): 1300-1307.

Algumas características da peregrinação

Sendo a peregrinação um fenómeno humano presente em todas as culturas, vejamos brevemente algumas das suas características fundamentais numa perspectiva antropológica.

O antropólogo Victor Turner argumenta que existem analogias entre os rituais de passagem e a peregrinação. Os rituais de passagem como, por exemplo, os ritos que acompanham a puberdade, desenrolam-se segundo um padrão que acompanha a passagem de uma situação existencial para outra ou de um mundo cósmico ou social para outro. Os rituais de passagem nas sociedades primitivas foram estudados, em primeiro lugar, por Van Gennep que subdivide o processo em três fases, cada uma das quais contendo, por sua vez, os seus próprios rituais. São a fase *pré-liminal* onde imperam os rituais de separação, a fase *liminal* ou dos rituais de *transição* e a fase *pós-liminal* ou dos rituais de *incorporação*.¹⁹ Inspirando-se em Van Gennep, Victor Turner defende que a peregrinação tem três momentos distintos: a separação, a transição e a incorporação ou reintegração. O peregrino sai do seu mundo habitual, separando-se do mundo profano. Deixa o trabalho, a habitação e, às vezes, a família e parte em direcção a um local, geralmente situado na periferia do seu mundo, não só geograficamente falando, mas também social e psicologicamente. É um local que fica fora do mundo onde habitualmente o indivíduo se move, trabalha e relaciona. O tempo gasto a fazer o percurso corresponde ao segundo momento, isto é, a fase da transição. Nesta fase, o peregrino já não pode contar com o conforto e o aconchego do mundo de onde partiu, mas também ainda não alcançou a meta onde espera encontrar alguma forma de recompensa. Esta é a fase mais perigosa e sujeita a interferências que podem fazer fracassar a peregrinação. O regresso a casa é a reintegração no mundo profano. O peregrino retoma a sua vida do dia a dia, mas agora enriquecido com as mais-valias entretanto adquiridas com a experiência realizada.²⁰

¹⁹ Ao longo da vida, o homem passa de uma situação existencial a outra, de um papel social a outro, de um mundo a outro. Na perspectiva de Van Gennep, os rituais que acompanham o nascimento, a puberdade, o casamento e o funeral são instrumentos que facilitam essa passagem. Nas suas palavras, cada indivíduo «em ordem a passar de uma categoria a outra e para se juntar aos outros indivíduos noutras secções, deve submeter-se, desde o dia do seu nascimento até ao da sua morte, a cerimónias que frequentemente mudam, mas cujas funções são similares». Cf. A. VAN GENNEP, *The Rites of Passage* (Chicago: C.U.P., 1960): 189. O original alemão é de 1908.

²⁰ A peregrinação só alcança a sua plenitude quando, associada à caminhada exterior e física, o peregrino efectua a peregrinação interior. A propósito desta temática ver J. CAMPBELL, *The Hero with a Thousand Faces* (Princeton: Princeton University Press, 1972). Nesta obra, Campbell faz um

Turner prefere chamar à peregrinação um fenómeno *liminóide* em vez de *liminal* porque, ao contrário deste, não é um processo social que marque a passagem de um estado existencial para outro como são, por exemplo, os ritos de puberdade que fazem a transição da infância para a idade adulta ou os ritos do casamento que operam a passagem entre o estado de solteiro e de casado. Ao contrário dos ritos de iniciação, a peregrinação não é inevitável nem obrigatória mas voluntária. No entanto, ela tem algumas características do estado *liminal* como, por exemplo, a homogeneização do estatuto social dos participantes, a simplicidade no vestir e no agir, o sentido de fraternidade, uma meta que é fonte de cura e de renovação e um movimento que, partindo de um contexto profano e mundano, introduz o peregrino num contexto sagrado e espiritual.²¹

Todo aquele que decide fazer uma peregrinação tem de sair de casa e deixar a sua ocupação habitual para partir em direcção a um local que considera único e sagrado e no qual acredita estar presente algo de divino. A peregrinação é uma caminhada em direcção a um centro, um local santificado, no qual se vai realizar o encontro com o «Totalmente Outro», ou seja, o sagrado²², qualquer que seja a manifestação que este assuma. O encontro é aguardado e desejado pelo peregrino desde o início da peregrinação. A pesquisa de Mircea Eliade revela-se de particular interesse para se perceber a importância destes locais. Segundo Eliade, a nostalgia do homem religioso é habitar um «mundo divino». Esta nostalgia religiosa «exprime o desejo de viver num cosmos puro e santo, tal qual era no começo, quando saía das mãos do Criador».²³

estudo pormenorizado e profundo sobre o mito do herói presente nas diversas culturas do mundo, passado e presente, a partir do esquema dos rituais de passagem: separação – iniciação – regresso, transpondo este núcleo fundamental da narrativa mitológica para a peregrinação interior, ou seja, a transformação que a viagem exterior vai efectuando no íntimo do protagonista. O herói sai do seu mundo ordinário para um espaço desconhecido onde tem de enfrentar e vencer toda uma série de dificuldades e forças adversas, regressando a casa com poderes acrescidos.

²¹ Cf. V. TURNER, *Image and Pilgrimage in Christian Culture* (New York: Columbia U.P., 1978): 243-255.

²² Segundo MIRCEA ELIADE, *O Sagrado e o Profano* (Lisboa: Ed. Livros do Brasil): 25-26, o sagrado manifesta-se como «qualquer coisa de absolutamente diferente do profano». Eliade chama *hierofania* a essa manifestação. Quando um objecto qualquer manifesta o sagrado, ele torna-se *outra coisa*, e contudo, continua a ser ele mesmo. Uma pedra sagrada não deixa de ser uma pedra. Todavia, «para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, a sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural».

²³ M. ELIADE, *O Sagrado e o Profano* (Lisboa: Ed. Livros do Brasil): 77-78; Cf. M. ELIADE, *Tratado de História das Religiões* (Porto: Asa, 1992): 455-479.

Mírcea Eliade sustenta que o Templo é o lugar santo por excelência, é casa dos deuses. Na perspectiva do homem religioso, o Templo re-santifica continuamente o Mundo, porque o representa e contém ao mesmo tempo. Seja qual for o seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários.²⁴ Por outro lado, o Templo encerra em si a simbologia do «Centro do Mundo»: o Templo é o local onde é possível a comunicação entre o mundo terreno e o divino. Nas mitologias babilónicas alguns santuários eram reconhecidos como locais onde se fazia a ligação entre o Céu e a Terra. No judaísmo, o Templo de Jerusalém era considerado a morada de Javé. Não admira, pois, que a catedral cristã retome e prolongue todos estes simbolismos. Por um lado, a igreja é concebida como imitação da Jerusalém celeste e, por outro, reproduz o Paraíso ou o mundo celeste.²⁵

O ritual simbólico da entrada no Templo é de particular importância e significado para a compreensão da peregrinação. A entrada no Templo exprime de forma evidente o simbolismo da passagem pela porta estreita.²⁶ No caso específico da peregrinação cristã, a porta da igreja é o limite, a fronteira que distingue e opõe dois mundos e ao mesmo tempo é o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde é possível efectuar a passagem do mundo profano para o sagrado.²⁷

Um olhar cristão sobre a peregrinação

A peregrinação ocupa um lugar de destaque no universo doutrinal e devocional do cristianismo, recordando-nos que, do nascimento até à morte, o homem é um peregrino sobre a terra. A este propósito, João Paulo II afirma que a peregrinação «reproduz a condição do homem, que gosta de descrever a sua própria existência como um caminho. Do nascimento até à morte, cada um vive na condição peculiar do *homo viator*.»²⁸

²⁴ Cf. ELIADE, *O Sagrado e o Profano*: 71.

²⁵ Cf. ELIADE: 73.

²⁶ A abertura, a porta, «torna possível a *passagem* de um modo de ser a outro, de uma situação existencial a outra» Os rituais e simbolismos da passagem exprimem uma concepção específica da existência humana: uma vez nascido, o homem ainda não está acabado; deve nascer uma segunda vez, espiritualmente; torna-se completo passando de um estado imperfeito e embrionário a um estado perfeito, adulto. Pode dizer-se que a existência humana chega à plenitude através de uma série de ritos de passagem. A porta, a abertura estreita, representa as dificuldades e os perigos inerentes ao processo. Cf. ELIADE: 188.

²⁷ Cf. ELIADE: 39.

²⁸ JOÃO PAULO II, *O Mistério da Encarnação – Bula de Proclamação do Grande Jubileu do ano 2000*: 7.

A dimensão do homem peregrino está presente em vários momentos da história da salvação. Abraão (Gn 12, 1-9) é apontado como o grande exemplo do homem de fé que deixa a sua terra e se põe a caminho para fazer a vontade de Deus. Por seu lado, o povo de Israel peregrinou quarenta anos no deserto a caminho da Terra Prometida (Ex 19, 1-2; 40, 36-38). Esses anos constituíram um tempo intensivo de purificação e foi nessa ocasião que Deus estabeleceu a Aliança com o seu povo no Monte Sinai. A imagem de um povo vivendo em tendas é sinal da disponibilidade permanente para seguir a vontade de Deus. A Sagrada Escritura testemunha o valor do gesto de caminhar em direcção aos lugares sagrados, como Jerusalém, Betel, Silo. Os judeus deviam ir, três vezes por ano, em peregrinação ao Templo (cf. Ex 34, 24; Dt 16, 16). A peregrinação era um momento alto da vida religiosa, não só de cada judeu em particular, mas também de todo o povo, como bem testemunham alguns dos salmos.²⁹

A vida humana é, na perspectiva cristã, uma caminhada, uma peregrinação ao encontro de Deus. Diz a Carta aos Hebreus que os antepassados do povo eleito confessavam que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Ora, os que assim falam mostram que procuram uma pátria melhor, a pátria celeste (Hb 11, 13-16). Do mesmo modo, São Pedro refere-se à vida do homem sobre a terra como o tempo da peregrinação (1 Pe 1, 17). Aliás, o cristianismo começou por ser conhecido como *o Caminho* (Act 9, 2; 19, 9; 22, 4), entendido este no sentido de caminhada espiritual, cuja meta final é a Jerusalém celeste (Ap 21, 1-4). Nesta perspectiva, o cristão reconhece que não tem aqui morada permanente (cf. 2 Cor 5, 1-6) e que, no seu caminhar, Deus o acompanha e sustenta com a sua graça a caminho da pátria celeste.³⁰

²⁹ Ver, por exemplo, Sl 122, 1-2: «Que alegria quando me disseram: 'Vamos para a casa do Senhor!' / Os nossos pés detêm-se às tuas portas, ó Jerusalém!»

³⁰ Jesus de Nazaré é, neste domínio, o modelo de todo o peregrino cristão. Toda a sua vida pode ser entendida como uma peregrinação: de Nazaré ao rio Jordão onde foi baptizado (Mc 1, 9); da Galileia a Jerusalém onde sofreu a paixão e foi morto (Lc 9, 51); da cruz à ressurreição como podemos ler no livro dos Actos dos Apóstolos: «Deus ungiu com o Espírito Santo e com o poder a Jesus de Nazaré, o qual andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo Maligno, porque Deus estava com Ele. (...) A Ele, que mataram, suspendendo-o de um madeiro, Deus ressuscitou-o, ao terceiro dia» (Act 10, 38-40). Aos que o querem seguir Jesus exige a leveza do peregrino: «Nada leveis para o caminho: nem cajado, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; nem tenhais duas túnicas» (Lc 9, 3). Exige a disponibilidade do seguimento radical, tomando a cruz do dia a dia: «Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia, e siga-me. Pois, quem quiser salvar a sua vida há-de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por minha causa há-de salvá-la» (Lc 9, 23-24).

3. Uma Europa peregrina: do desencanto à esperança

O continente europeu, que no passado ainda recente determinava o rumo dos acontecimentos da maior parte das nações do mundo, já não é, hoje, o centro da história. De facto, quem esteja minimamente informado sobre o desenrolar dos acontecimentos mundiais ao longo das últimas décadas facilmente concluirá que o protagonismo da história a nível político, económico, cultural e militar pertence a outros actores. A opinião corrente de analistas políticos, historiadores e sociólogos, apenas confirma aquilo que todos já constatarem: a Europa já não é o centro da história nem o actor principal da política ou da economia mundiais. Na realidade, um conjunto de factos ocorridos ao longo do século XX, nomeadamente a Segunda Guerra Mundial e a descolonização, precipitaram o processo de deslocamento do protagonismo político, militar e económico para outras paragens geográficas, de modo particular para os Estados Unidos da América. Em consequência deste processo, os países europeus são mais espectadores do que actores na cena mundial. À perda de influência e de protagonismo na cena mundial há a acrescentar um certo desencanto que parece afectar a Europa. Na verdade, apesar de todas as conquistas nos domínios da ciência, da educação, da tecnologia, da cultura e da saúde, a Europa é um continente dominado por sentimentos de insegurança, medo e incerteza face ao futuro. A própria Igreja, atenta à realidade social e histórica em que vive, tem vindo a tomar consciência desta situação e, conseqüentemente, a sugerir algumas soluções para a superar. Neste contexto, ainda recentemente o papa João Paulo II, na exortação apostólica *Ecclesia in Europa*, escrevia que o continente europeu vive numa época de «ofuscamento da esperança». Na Europa, afirma o papa, «os nossos dias, com todos os desafios que nos lançam, apresentam-se como um tempo de crise. Muitos homens e mulheres parecem desorientados, incertos, sem esperança; e não poucos cristãos partilham estes estados de alma» (EE 7). Ora, a este estado de espírito parece não ser indiferente a falta de segurança. Os atentados terroristas do 11 de Setembro e do 11 de Março confirmaram de forma dramática que vivemos num mundo efémero e frágil onde nada está definitivamente seguro e garantido, onde os mais poderosos impérios estão sujeitos ao desmoronamento. Os conflitos armados, nomeadamente as guerras no Afeganistão e no Iraque, as ameaças e os atentados terroristas geraram um sentimento de insegurança que se apoderou do mundo e que tem conseqüências em todos os campos, da economia à política, da cultura à religião.

O ofuscamento da esperança é acompanhado pelo medo de enfrentar o futuro, a fragmentação da existência e um enfraquecimento progressivo da solidariedade, como nota o Santo Padre na referida exortação apostólica. Do futuro, sente-se mais medo que desejo. Sinais preocupantes disto mesmo são,

entre outros, o vazio interior que oprime muitas pessoas e a perda de significado da vida. Predomina uma sensação de solidão e multiplicam-se as divisões e os contrastes. Muitas pessoas, embora não lhes falte o necessário a nível material, sentem-se mais sós, sem redes de apoio afectivo (EE 8). A época das grandes utopias mobilizadoras de multidões e grupos também já pertence ao passado. Hoje, parece que as pessoas se batem apenas pela defesa dos seus próprios interesses ou dos do seu grupo sem qualquer referência ao bem comum.³¹

A raiz deste ambiente de desencanto e de ofuscamento da esperança reside, segundo João Paulo II, na «crise da memória e herança cristãs» (EE 7) e na «tentativa de fazer prevalecer uma antropologia sem Deus e sem Cristo» (EE 9). Mesmo os cristãos não estão imunes a esta tendência. Neles, a crise manifesta-se não só no afastamento em relação à instituição Igreja, mas também em relação ao próprio universo religioso. A religião deixou de ser relevante: «Muitos já não conseguem integrar a mensagem evangélica na experiência diária; aumenta a dificuldade de viver a própria fé em Jesus Cristo num contexto social e cultural onde é continuamente desafiado e ameaçado o projecto de vida cristã» (EE 7).

Todavia, João Paulo II vai mais além e, não se detendo na mera descrição da realidade sócio-cultural e religiosa da Europa, aponta caminhos concretos para construir um futuro diferente. Assim, o papa recorda que o homem não pode viver sem esperança, pois a sua vida perderia sentido, tornando-se insuportável. Para ultrapassar a crise de desencanto e o ofuscamento da esperança em que a Europa está mergulhada, João Paulo II desafia os europeus a recuperar a memória e a herança cristãs, ou seja, voltar a Cristo, fonte de toda a esperança: «Jesus Cristo é a nossa esperança, porque Ele, o Verbo eterno de Deus que está desde sempre no seio do Pai, amou-nos até ao ponto de assumir em tudo, excepto no pecado, a nossa natureza humana tornando-se participante da nossa vida, para nos salvar» (EE 19).³² Insistindo numa ideia que lhe é particularmente

³¹ A noção de bem comum como mobilizador da sociedade e fundamento da solidariedade ocupa um papel relevante na doutrina social da Igreja. Já em 1987, na encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, João Paulo II escrevia que a solidariedade «é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos» (SRS 38). Mais tarde, em 1991, na encíclica *Centesimus Annus*, o papa recorda que o bem comum «não é a mera soma dos interesses particulares, mas implica a sua avaliação e articulação feita com base numa equilibrada hierarquia de valores e, em última análise, numa correcta compreensão da dignidade e dos direitos da pessoa» (CA 47).

³² O diagnóstico que João Paulo II faz da situação na Europa pode ser feito para cada um dos países europeus, destacando em cada caso os aspectos mais característicos da manifestação desta crise. No caso português veja-se o excelente documento dos nossos bispos *Responsabilidade Solidária*

querida, João Paulo II recorda que o cristianismo é fonte de unidade e que a Europa deve tomar consciência da sua herança espiritual: «O cristianismo foi no nosso continente um factor primário de unidade entre os povos e as culturas e de promoção integral do homem e dos seus direitos» (EE 108).

O caminho de Santiago e a identidade europeia

A identidade europeia é uma questão em aberto, a que não é alheia a crise resultante da perda de influência política, económica e militar que o continente europeu conheceu nas últimas décadas.³³ Nesta matéria, a Igreja tem-se batido para que a identidade europeia não seja definida meramente na sua componente geográfica e económica, mas sobretudo cultural e espiritual.³⁴ O processo de elaboração da futura Constituição da União Europeia, mormente a inclusão ou não de uma referência explícita à herança cristã da Europa, tem

pelo Bem Comum (15 de Setembro de 2003), no qual se faz o diagnóstico da crise e do desencanto no nosso país e se apresentam propostas concretas e credíveis para multiplicar os sinais de esperança já visíveis. A crise em Portugal traduz-se «na relativização de valores e princípios, na perda de confiança num futuro melhor, na demissão em lutar por uma sociedade mais justa e pacífica, no refugiar-se em seguranças meramente privadas» (#1). Os pecados sociais referidos no nº 4 do mesmo documento são a face visível desta crise. Mas, tal como o papa em relação à Europa, também os bispos portugueses apontam, no nº 26, alguns caminhos para revitalizar os sinais positivos que existem na sociedade portuguesa. Assim, face aos pecados sociais há que contrapor o espírito de responsabilidade participativa; face à mentalidade de egoísmo e à cultura do efémero, há que fomentar o sentido da eternidade e o dom desinteressado de si mesmo aos outros e ao bem comum; face às calamidades ambientais e às guerras, é preciso promover uma cultura da solidariedade.

³³ Sobre a identidade europeia ver, por exemplo, o ponto da situação desta reflexão feita por J. DUQUE, *Cultura Contemporânea e Cristianismo* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004): 57-102. O autor argumenta que o cristianismo medieval foi um factor decisivo para a construção da identidade europeia. Esta identidade é diversificada e plural, uma unidade «constituída por uma diversidade imensa de origens dispersas» (90). A Europa cristã da Idade Média constituiu-se como uma unidade conseguida na manutenção da sua pluralidade interna. O cristianismo foi um elemento decisivo neste processo. Hoje assiste-se ao fim da Europa como identidade cultural e à sua expressão meramente economicista e consumista. O regresso a uma ideia de Europa poderá passar pela recuperação da memória da sua identidade, purificada das expressões imperialistas e etnocéntricas.

³⁴ O apelo à recuperação da herança cristã da Europa tem sido feito não só pelo Santo Padre, mas também por outras figuras destacadas da Igreja. Ainda recentemente, o cardeal Paul Poupard afirmava que «por cima do mosaico de línguas, tradições e costumes diversos, há um elemento unificador em todo o continente que é, precisamente, o cristianismo» e que é preciso recuperar a história comum como força criadora de paz. Para os fundadores da Europa, recorda o cardeal, «era evidente que a herança cristã constituía o núcleo desta identidade histórica, nos seus traços essenciais, muito para além dos estreitos limites confessionais». Cf. P. POUPARD, «As raízes cristãs da Europa» *Lumen* (Janeiro-Fevereiro 2004): 12- 20.

sido a expressão mais mediática deste debate acerca da identidade europeia. Ora, é no contexto desta reflexão sobre a identidade europeia que a Igreja tem apresentado o caminho de Santiago como um dos elementos simbólicos capazes de mobilizar os europeus em geral e os cristãos em particular para o projecto de uma Europa edificada sobre alicerces culturais e espirituais.³⁵ Assim sendo, faremos uma breve referência ao contributo que, segundo a nossa opinião, o caminho de Santiago pode dar para a recuperação da memória da Europa e para a construção de uma nova identidade europeia, baseada no respeito pela diversidade dos povos, mas unida em torno de projectos que coloquem a pessoa humana e o bem comum em primeiro lugar.³⁶ Antes, porém, vejamos como recentemente o caminho de Santiago recuperou um lugar de relevo não só no discurso religioso, mas também no universo cultural europeu.

O caminho de Santiago, nomeadamente o caminho francês, foi sempre considerado como uma via de primeira categoria no espaço europeu. Ao longo dos séculos, por esta via transitaram pessoas, comercializaram-se bens, confrontaram-se ideias, sonhos e projectos, partilharam-se dores, fracassos e glórias. Esta «rua europeia», como alguns lhe chamam, foi percorrida por homens e mulheres de diferentes nacionalidades, condição social, profissão. Reis, bispos, cavaleiros, nobres, gente simples e anónima, penitentes, pagadores de promessas, santos, aventureiros e artistas percorreram os caminhos de Santiago ajudando a construir uma ideia de Europa, cujos fundamentos e valores se afirmaram cristãos. O permanente fluxo de peregrinos que se dirigiam para Compostela ou que de lá regressavam permitiu construir toda uma rede de sentimentos de pertença a uma entidade mais espiritual que política ou económica, ainda que

³⁵ A referência ao caminho de Santiago como símbolo de unidade é, porém, anterior às conversações para a elaboração de um texto constitucional europeu. Aliás, a sua carga simbólica e a sua força mobilizadora é mais abrangente do que a pontual discussão sobre o papel presente e futuro das instituições políticas do continente europeu.

³⁶ O apelo à recuperação da memória não está isento de perigos e desvios. Uma questão pertinente tem naturalmente a ver com a memória a recuperar. É óbvio que a identidade europeia tem uma origem plural. Alguns historiadores mencionam três raízes que estão na origem da Europa, simbolizadas nas cidades de Jerusalém, Atenas e Roma; outros falam de quatro raízes, ou seja, os povos germânicos e eslavos, o cristianismo e a tradição monoteísta de Abraão, a Grécia e Roma. Sobre a identidade europeia ver R. SIEBENROCK, «Europa: una aproximación» in *Concilium* 305 (2004): 15-27. A propósito das origens da Europa também é pertinente colocar a questão do contributo do Islão, quer como portador de elementos da Antiguidade Clássica, quer como sujeito ao qual se contrapôs toda uma atitude política e eclesial, materializada na Reconquista e nas Cruzadas. Tendo, segundo alguns analistas, a identidade europeia uma componente anti-islâmica, é pertinente perguntar qual o papel do Islão na configuração de uma Europa aberta e plural. Cf. K-J. KUSCHEL, «Euro-islam: reto o oportunidad?» in *Concilium* 305 (2004): 85-96.

estas dimensões da vida humana e social também beneficiassem da movimentação própria das peregrinações. De facto, o caminho de Santiago foi local de encontro e de partilha não só da fé, mas também de ideias políticas, filosóficas e teológicas; aí germinaram novas formas de vida espiritual, desenvolveram-se correntes arquitectónicas, partilhou-se o misticismo, as descobertas científicas e as ideias políticas. A Europa deve muito ao caminho de Santiago e à corrente de peregrinos que – como um rio – atravessava o continente até Compostela, contribuindo para a difusão de novos saberes e novas ideias que lentamente se foram propagando por toda a Europa.

A viagem do papa João Paulo II a Compostela, em 1982, e a tomada de posição do Conselho da Europa, em 1987, declarando o conjunto dos itinerários compostelanos, como o primeiro itinerário cultural europeu, significou o reconhecimento do papel dos caminhos de Santiago na construção da identidade cultural e espiritual europeia ao mais alto nível das instituições religiosas e civis do continente.³⁷ É curioso assinalar que, já em 1982, João Paulo II afirmava que a peregrinação a Santiago era um dos fortes elementos que favoreceram a compreensão mútua dos povos europeus tão diferentes uns dos outros e convidava a Europa a reconstruir a sua unidade espiritual num clima de pleno respeito pelas outras religiões e numa genuína liberdade. Por isso, não admira que, em 2003, no final da exortação apostólica *Ecclesia in Europa*, João Paulo II recupere as palavras proferidas naquela data em Santiago de Compostela: «Retomando este convite à esperança, repito também hoje a ti, Europa, que estás no início do terceiro milénio: ‘Volta a encontrar-te. Sê tu mesma. Descobre as tuas origens. Reaviva as tuas raízes’» (EE 120).

Aquele discurso, proferido por João Paulo II no acto europeísta que decorreu na catedral de Santiago no dia 9 de Novembro de 1982, é um texto fundamental, quer pelo conteúdo, quer pela carga simbólica do local onde foi proferido, para conhecer o pensamento do papa sobre a Europa. Na verdade, ao longo do seu pontificado, João Paulo II não se cansará de divulgar as ideias então defendidas em Compostela sobre a identidade, a unidade e a vocação da Europa.

As suas palavras foram proferidas numa época em que a Europa ainda estava dividida em dois blocos antagónicos a nível social, político e militar, a que

³⁷ Posteriormente este reconhecimento foi feito a nível mundial quando, em 1993, a UNESCO declarou o caminho francês como património da humanidade.

só a queda do Muro de Berlim, em 1989, iria pôr cobro. No discurso de Compostela, João Paulo II afirma que a identidade europeia é incompreensível sem o cristianismo, que a Europa tem idênticos valores cristãos e humanos como são os valores da dignidade da pessoa humana, do profundo sentimento de justiça e liberdade, de laboriosidade, do espírito de iniciativa, do amor à família, do respeito pela vida, da tolerância e desejo de cooperação e de paz. Se a Europa voltar a ser una, respeitando todas as suas diferenças, incluindo os diversos sistemas políticos; se a Europa voltar a pensar, na vida social, com o vigor que têm algumas afirmações contidas, por exemplo, na Declaração Universal dos Direitos do Homem; se a Europa voltar a actuar, na vida especificamente religiosa, com o devido conhecimento e respeito de Deus; se a Europa voltar a abrir novamente as portas a Cristo, então o seu futuro não estará dominado pela incerteza e pelo temor, profetiza o papa. Pelo contrário, abrir-se-á um novo período de vida, tanto interior como exterior, benéfico e determinante para o mundo. Tendo, sem dúvida, em mente uma Europa alargada, João Paulo II menciona com igual destaque as tradições cristãs do Ocidente e do Oriente, referindo as figuras dos patronos da Europa: São Bento de Núrsia, São Cirilo e São Metódio. A terminar, o papa declara publicamente que a Igreja está consciente do papel que lhe corresponde desempenhar na renovação espiritual e humana da Europa e que, sem reivindicar certas posições que ocupou no passado, quer assumir uma atitude de serviço que contribua para alcançar o autêntico bem-estar material, cultural e espiritual das nações.³⁸

Neste contexto, o reconhecimento, ao mais alto nível das instâncias eclesiais e civis, do papel que o caminho de Santiago desempenhou na construção da identidade europeia não pode ser interpretado como um mero exercício de valorização do património arquitectónico, cultural ou religioso do passado. Estas tomadas de posição sugerem que o presente é devedor do passado e que este pode ser recuperado como memória mobilizadora de vontades individuais e colectivas a fim de inventar o futuro da Europa. Ora, se no passado os caminhos de Santiago tiveram um papel determinante na construção da identidade europeia, é oportuno reflectir sobre o papel que podem desempenhar hoje num contexto completamente diferente a nível social, político e religioso daquele em que a peregrinação compostelana nasceu e se desenvolveu. Nesta tarefa inspirámo-nos na importância social e espiritual que a peregrinação teve no passado, na revitalização a que actualmente se assiste, nos desafios que repre-

³⁸ O texto, em espanhol, do discurso de João Paulo II na catedral de Santiago de Compostela, em 9 de Novembro de 1982, encontra-se em *Insegnamenti di Giovanni Paolo II, V, 3* (Libreria Editrice Vaticana, 1982): 1257-1263.

senta e na mística que envolve. Assim, mau grado as limitações e lacunas da nossa reflexão, enumeramos alguns desafios que, sendo assumidos com audácia, podem contribuir para ultrapassar a fase de desencanto em que a Europa está enredada.

Os caminhos de Santiago e a construção da nova Europa

Durante séculos a Europa peregrinou pelos caminhos de Santiago. Peregrinar, como assinalámos anteriormente, supõe um conjunto de atitudes das quais se destacam, entre outras, o desprendimento, a prontidão em avançar para novas etapas, a ligeireza de equipagem, a abertura de espírito. Enquanto tal, a peregrinação pode ser inspiradora de novas posturas face à vida, à história pessoal e comunitária. Tomemos, pois, esta imagem de uma Europa peregrina como ponto de partida para recuperar a memória e a identidade cultural e espiritual do continente.³⁹

A imagem de uma Europa peregrina contém, em primeiro lugar, a ideia de fragilidade e supõe o reconhecimento de que procura algo que supostamente lhe falta. Curiosamente, essa imagem é, também, um sinal de maturidade, traduzido na consciência de que há um caminho não só a percorrer, mas também a construir, ou seja, uma história pela qual todos somos responsáveis. Neste sentido, a imagem de uma Europa peregrina não se coaduna com atitudes hedonistas que só valorizam o momento presente nem com o consumismo compulsivo característico das sociedades ocidentais. Uma Europa peregrina tem consciência de estar inserida numa história de gerações e reconhece, agradecida, o contributo de cada uma delas para a construção da casa comum europeia. Reconhece que antes das actuais gerações, outros europeus deram o seu contributo para a humanização e desenvolvimento do continente. Na verdade, o peregrino que percorre o caminho de Santiago com um olhar atento e contemplativo descobre facilmente que, no passado, muitas gerações colocaram os seus recursos e talentos ao serviço do bem comum para humanizar o espaço a que chamamos

³⁹ A recuperação da memória é um elemento fundamental na construção do presente. A este propósito, o arcebispo de Santiago de Compostela, Julian Barrio Barrio, recorda que a peregrinação jacobea configurou uma Europa aberta e capaz de integrar em si novos elementos. Urge, pois, recuperar a memória da Europa, pois um povo sem memória é um povo sem esperança e não poderá entender a sua história. Cf. J. BARRIO BARRIO, «Año Santo Compostelano y peregrinación jacobea. Genealogía, geografía y testimonio de una peregrinación», in J. BARRIO BARRIO, *Peregrinar en Espíritu y en Verdad. Escritos Jacobeos* (Santiago de Compostela: Instituto Teológico Compostelano, 2004): 201-222.

Europa. De facto, os antepassados do peregrino hodierno construíram pontes, drenaram pântanos, endireitaram caminhos, pavimentaram ruas e estradas, edificaram igrejas e albergues que ainda hoje continuam a ter utilidade. Numa outra perspectiva, de âmbito mais espiritual e cultural, o olhar contemplativo do peregrino permite-lhe descobrir, por exemplo, que cada escultura de um portal românico ou cada vitral de uma catedral gótica condensam a alma de um povo e o seu pulsar espiritual, teológico, cultural e artístico.

Na carta pastoral, *Peregrinos por gracia*, que escreveu por motivo do Ano Santo de 2004, o arcebispo de Santiago de Compostela, exprime o desejo de que o reencontro com a experiência da peregrinação sirva para renovar e actualizar os vínculos comuns, forjar a espiritualidade cristã do novo milénio e alcançar uma vivência pessoal interior animada por uma sensibilidade solidária e uma cultura aberta e moderna onde cresçam os valores universais do Evangelho.⁴⁰ Não se trata, diz o arcebispo, de criar uma Europa paralela, mas mostrar a esta Europa que a sua alma e a sua identidade estão profundamente enraizadas no cristianismo, para lhe oferecer a chave de interpretação da sua vocação no mundo.⁴¹ Deste modo, inspirando-nos no universo da peregrinação compostelana, sugerimos alguns caminhos que, no nosso modesto entender, poderão contribuir para a recuperação da memória cultural e espiritual da Europa, a construção de uma nova identidade europeia, purificada das ambições e dos erros do passado, e para a elaboração de uma atitude mais optimista de forma a superar o desencanto actual.

1. Crescer na confiança. O caminho de Santiago pode possibilitar o crescimento na confiança tão necessária para enfrentar o temor face às contingências do presente e às incertezas do futuro. De facto, uma peregrinação, a pé, a Compostela é uma oportunidade para crescer na confiança, deixando-se guiar pela experiência e pelo conhecimento daqueles que fizeram o caminho antes de nós. Eles sabem onde estão as subidas íngremes, os pontos difíceis de transpor e os cruzamentos mais perigosos. Mas conhecem, também, a localização das fontes e dos rios, os percursos mais amenos e os locais mais tranquilos. Deixar-se guiar por outra pessoa exige humildade e despojamento, mas pode ser também uma experiência ímpar de crescimento na confiança nos outros e na lenta libertação dos medos que nos habitam e nos fazem temer o desconhecido. Mas, por outro

⁴⁰ Cf. *Peregrinos por gracia*, 66. O texto desta carta pastoral encontra-se em J. BARRIO BARRIO, *Peregrinar...: 137-198*.

⁴¹ Cf. *Peregrinos por gracia* 68.

lado, fazer o caminho é, também, um exercício de auto-confiança, descobrindo que ninguém nos pode substituir no caminhar. Desta atitude nascerá, certamente, a consciência de que cada pessoa tem um contributo único a dar à sociedade em que vive. Assim, uma Europa onde as pessoas e os grupos tenham não só mais auto-confiança mas também confiança nos outros – grupos, instituições, pessoas, povos, culturas, – será certamente uma Europa mais solidária e mais humana.

2. *Dar a primazia ao diálogo na aceitação do outro e na articulação das diferenças.* Ao longo dos séculos, os caminhos de Santiago foram locais de encontro de gente oriunda dos mais variados pontos da Europa. Já no século XII, o *Codex Calixtinus* descrevia com alegria e admiração a afluência de peregrinos de todos os povos da Europa a Compostela. Hoje, nos caminhos de Santiago, continuam a cruzar-se pessoas provenientes não só de todos os cantos da Europa mas também de outros continentes. Cada peregrino traz consigo as suas experiências existenciais, afectivas e religiosas, as suas ideias políticas e os seus hábitos culturais. O caminho de Santiago é um espaço onde o diálogo com o outro, nomeadamente com os estrangeiros, é possível num plano de igualdade porque todos os peregrinos estão, por assim dizer, «fora de casa» não só geograficamente falando, mas também simbólica e culturalmente. O diálogo conduz ao conhecimento mútuo e este é um passo importante no combate ao medo face ao desconhecido. É sabido que o medo do outro, sobretudo do estrangeiro, leva as sociedades a organizarem-se para se defenderem. Deste modo, levantam-se muros físicos, psicológicos e jurídicos que dificultam ou impedem o relacionamento e a convivência com outro, seja este o estrangeiro, o emigrante, o toxicodependente, o sem-abrigo, seja o que tem religião diferente ou fala outra língua.

No passado, a peregrinação a Compostela facilitou o encontro e a união entre peregrinos dos mais diversos povos da Europa. O mesmo desafio é lançado aos peregrinos do terceiro milénio: sair de si, indo ao encontro dos outros; quebrar os medos que separam, sendo corajosos no acolhimento. Na mensagem enviada ao arcebispo de Compostela, por ocasião da abertura da Porta Santa em 1999, João Paulo II recordava que os peregrinos iriam encontrar outras pessoas e ter «a oportunidade de apreciar os variados costumes e culturas em que o ser humano pode expressar o melhor de si mesmo, abrindo-se assim a uma visão mais universal e a uma melhor compreensão dos diversos povos.»⁴² Posterior-

⁴² Cf. Mensagem de João Paulo II por ocasião do Ano Santo Compostelano de 1999. Texto original em *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXI, 2 (1998): 1140-1143; texto português in *L'Osservatore Romano* (9 de Janeiro de 1999).

mente, na exortação apostólica *Ecclesia in Europa*, o Santo Padre insiste no apelo à unidade dizendo que «não obstante a realidade intensamente variegada de que se foi compondo, ela [Europa] deve construir um novo modelo de unidade na diversidade, uma comunidade de nações reconciliadas aberta aos outros continentes e envolvida no processo actual de globalização» (EE 109).

3. *O desafio do serviço.* O caminho de Santiago pode ser um desafio e uma oportunidade para crescer no serviço e promover gestos de acolhimento fraterno. Como já referimos anteriormente, ao longo dos caminhos de Santiago criaram-se, sobretudo na Idade Média, numerosas instituições de acolhimento e de apoio aos peregrinos, nomeadamente albergues, hospitais e conventos. Na peregrinação actual, a realização de pequenas tarefas, como preparar uma refeição, lavar a loiça, deixar limpo o local onde o grupo pernitoiu, entoar uma canção ou preparar um momento de oração, pode ser uma ocasião propícia para descobrir a beleza do serviço. É natural que quem faz o caminho de Santiago esteja sujeito a fazer bolhas nos pés, a ter dores musculares, a ser queimado pelo sol ou encharcado pela chuva, a dormir no chão, a passar frio e sede. Mas esses acidentes de percurso podem gerar autênticos gestos de serviço fraterno e ajudar a tomar consciência do valor e da importância que a dimensão da gratuidade e o voluntariado têm na vida das pessoas, dos grupos e da sociedade em geral. Neste sentido, a Europa só tem a ganhar com a multiplicação de gestos de serviço desinteressado e gratuito. A proliferação de grupos e de organizações que se dedicam ao exercício do voluntariado é uma expressão actual de dar corpo a esta dimensão. Na verdade, o voluntariado assume, hoje, nalguns países europeus, uma dimensão expressiva e encontram-se inúmeras pessoas que dedicam parte do seu tempo e da sua vida a acções de voluntariado dentro e fora da Europa nas mais diversas áreas, da saúde ao ensino, à animação sócio-cultural, ao desporto e, até mesmo, à evangelização.

4. *O desafio da hospitalidade e do acolhimento.* Na mensagem enviada por João Paulo II ao arcebispo de Compostela por ocasião da abertura da Porta Santa em 2004, o papa recorda que o caminho de Santiago é um espaço e um tempo para o diálogo, a reconciliação e a paz e um itinerário de fraternidade espiritual. O papa conclui dizendo que a hospitalidade, característica inerente da peregrinação, supõe também um importante contributo à actual sociedade europeia, onde o fenómeno da migração requer uma atenção particular.⁴³ Na já referida carta pastoral sobre o Ano Santo 2004, também o arcebispo de Compostela

⁴³ *Mensaje del Papa para el Año Santo 2004*. O texto pode ser consultado em www.compostela2004.org.

colocava a hospitalidade no topo das características inerentes à peregrinação. A hospitalidade – escreve o arcebispo – não é só dar de comer ou de beber ao peregrino, mas sobretudo escutá-lo e aceitá-lo tal como ele é.⁴⁴

O fenómeno das migrações tem sido uma das preocupações constantes no magistério de João Paulo II. Ainda recentemente, na exortação apostólica *Ecclesia in Europa*, o papa refere as migrações como um dos maiores desafios que hoje se apresentam no serviço ao Evangelho e que interpelam a Igreja: «O fenómeno migratório põe à prova a capacidade que a Europa tem de dar espaço a formas de *acolhimento e hospitalidade* inteligente. Exige-o a visão «universalista» do bem comum: é necessário alongar o olhar até abraçar as exigências da família humana inteira» (EE 101). Neste sentido, João Paulo II propõe que a Europa se empenhe em facilitar formas de *genuína integração* dos imigrados legitimamente acolhidos no tecido social e cultural das diversas nações europeias, pois, só uma convivência pacífica e um intercâmbio das riquezas interiores tornará possível «a edificação de uma Europa que saiba ser casa comum, na qual cada um possa sentir-se acolhido, ninguém se veja discriminado, todos sejam tratados como membros de uma única e grande família» (EE 102). A mesma tónica aparece na Instrução *Erga migrantes caritas Christi*, recentemente publicada, onde é pedido aos cristãos que sejam promotores de uma autêntica cultura do acolhimento, sabendo apreciar os valores verdadeiramente humanos dos outros, acima de todas as dificuldades que comporta a convivência com quem é diferente de nós.⁴⁵

5. *O desafio da justiça e da paz.* Na peregrinação a Compostela assume particular importância a celebração do Ano Santo. O Ano Santo ou Ano Jubilar tem raízes bíblicas e nas suas origens observa-se uma forte preocupação com a justiça social e a solidariedade.⁴⁶ Ora, segundo a tradição bíblica, a celebração

⁴⁴ Cf. J. BARRIO BARRIO, *Peregrinos por gracia*, 12.

⁴⁵ Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes, *Erga migrantes caritas Christi* (2004): 39.

⁴⁶ O Antigo Testamento refere que os judeus celebravam um ano jubilar de 50 em 50 anos. Nesse ano, e de acordo com o Livro do Levítico, os escravos eram libertados; as dívidas perdoadas; quem tinha perdido as suas terras para pagar dívidas, recuperava-as; a própria terra não era cultivada e os frutos que ela naturalmente produzia podiam ser recolhidos por toda a gente. Este costume visava fundamentalmente dois objectivos: reafirmar a soberania de Deus sobre o mundo e restabelecer a igualdade e a justiça entre todos. Actualmente a Igreja universal celebra um Ano Santo cada 25 anos. O primeiro Jubileu da Igreja foi celebrado no ano 1300, no pontificado do papa Bonifácio VIII. Este papa decretou que de 100 em 100 anos a Igreja celebrasse um Ano Santo, para festejar condignamente o nascimento de Jesus e possibilitar a cada geração um tempo especial de perdão. Mais tarde reduziu-se o intervalo da celebração para 50 e depois para 25 anos. O Ano Santo Compostelano é anterior a esta celebração jubilar universal. Foi instituído no século XII pelo papa Calisto II e ocorre sempre que o dia 25 de Julho coincide com o domingo.

do Ano Santo não pode negligenciar a prática da caridade e da justiça sob pena de ignorar uma das suas componentes essenciais.

A bula de proclamação do Grande Jubileu do ano 2000 menciona a caridade como um dos sinais característicos do Jubileu, particularmente necessário hoje. Nesse texto, João Paulo II apela à criação de «uma nova cultura de solidariedade e cooperação internacional, na qual todos – especialmente os países ricos e o sector privado – assumam a sua quota-parte de responsabilidade para se chegar a um modelo de economia ao serviço de todas as pessoas.»⁴⁷ Sendo assim, a celebração do Ano Santo deveria ser caracterizada por uma série de gestos e iniciativas que promovam a paz, a justiça e a solidariedade, quer na Igreja quer no mundo. Também, nesta matéria, a exortação apostólica aos cristãos da Europa é inequívoca: a Europa deve ser um continente aberto e acolhedor, realizando formas de cooperação não só económica mas também social e cultural e promovendo uma nova cultura de solidariedade (EE 111). A Europa deve, com todos os seus habitantes, empenhar-se incansavelmente na construção da paz dentro das suas fronteiras e no mundo inteiro (EE 112).

6. *Ecologia e protecção do meio ambiente.* Nos caminhos de Santiago há, obviamente, uma relação próxima com a natureza. O caminho a pé cria uma espécie de cumplicidade com a terra que se pisa, a água das fontes que sacia a sede, a chuva que encharca o corpo, o vento que ameniza as tardes quentes e o calor do sol que queima o rosto e enxuga as roupas molhadas pela chuva. A peregrinação possibilita o caminhar passo a passo, sem pressa, pisando o chão, observando a paisagem e as pessoas, deixando-se envolver pelos cheiros da floresta e dos campos verdejantes. Mas o caminho para Santiago é, também, um caminho de contrastes: encontram-se paisagens belas de cortar a respiração e zonas altamente poluídas; regatos cristalinos e rios pestilentos; puro silêncio e ruído infernal. Sem dúvida que o lento caminhar através destes espaços permite criar condições para ter uma experiência holística do planeta. Ora, a Europa ganharia muito se fosse cada vez mais respeitadora do meio ambiente, abandonando a atitude predadora dos recursos naturais e das matérias primas própria da Revolução Industrial. Neste campo, a Igreja defende um modelo de desenvolvimento respeitador de todos os seres criados, não se coibindo de contribuir com a sua reflexão crítica e a sugestão de orientações e critérios em ordem à promoção e defesa da natureza e da qualidade de vida.⁴⁸

⁴⁷ JOÃO PAULO II, *O Mistério da Encarnação*: 12.

⁴⁸ Ver a este propósito a encíclica de João Paulo II *Sollicitudo Rei Socialis*. No número 34 o papa apresenta três considerações sobre as quais se deve reflectir atentamente: tomar consciência da ligação mútua entre todos os seres criados, reconhecer que os recursos naturais são limitados e que o desenvolvimento não pode separar-se do respeito pelas exigências morais.

7. *O desafio do desprendimento.* O caminho de Santiago pode ser feito por variados motivos. De facto, entre os peregrinos, encontra-se espelhada a diversidade característica da humanidade. Assim, há peregrinos crentes que fazem o caminho a partir das suas convicções cristãs e há peregrinos não crentes, não praticantes, afastados da Igreja. Há peregrinos que buscam, mesmo não sendo explicitamente crentes, um horizonte que dê sentido às suas vidas e histórias. Esta busca espiritual, consciente ou não, também faz parte do caminho de Santiago. Há os peregrinos que fazem o caminho por razões culturais, a fim de contactar com as numerosas obras de arte, fruto do labor artístico de vários séculos, que se guardam ao longo dos itinerários jacobeus. É possível encontrar até alguns peregrinos que não sabem muito bem porque é que iniciaram a caminhada e associam o caminho a uma mística ou a um chamamento mais ou menos difuso a partir. Outros partem por espírito de aventura, com o objectivo de testar os próprios limites físicos e psicológicos. Todavia, quaisquer que sejam os motivos pelo quais fazem o caminho, todos os peregrinos poderão chegar a Compostela mais livres e mais ricos. Livres, se aproveitarem os dias da peregrinação para experimentar uma forma de vida mais austera, mais desprendida e mais simples. Mais ricos, se conseguirem descobrir o que é verdadeiramente essencial nas suas vidas a nível espiritual, afectivo, familiar e profissional e forem capazes de prescindir das muitas coisas desnecessárias que tornam a mochila pesada e os dias cinzentos.

Uma Europa peregrina tem de ser inevitavelmente uma Europa desprendida. O desprendimento é fruto da sabedoria que sabe discernir o essencial do supérfluo, o importante do acessório. Na verdade, numa época onde o consumismo é a ideologia dominante e os indivíduos que não entram na lógica do consumo são marginalizados, o desprendimento e a liberdade face aos mecanismos do consumo são atitudes politicamente incorrectas. Contudo, uma Europa peregrina sabe que as actuais opções de consumo são perigosas para a vida da humanidade e do planeta. Na encíclica *Centesimus Annus* João Paulo II alertava para os perigos do consumismo, pois o homem pode «criar hábitos de consumo e estilos de vida objectivamente ilícitos e frequentemente prejudiciais à sua saúde física e espiritual». Nas suas palavras, não é mal desejar uma vida melhor, mas é errado o estilo de vida que se presume ser melhor, quando é orientado para o ter e não para o ser e deseja ter mais não para ser mais, mas para consumir a existência no prazer, visto como um fim em si próprio. «É necessário – conclui –, por isso, esforçarmo-nos por adoptar estilos de vida nos quais a busca do verdadeiro, do belo e do bom e a comunhão com os outros em ordem ao crescimento comum sejam os elementos que determinam as opções do consumo, da poupança e do investimento».⁴⁹

⁴⁹ JOÃO PAULO II, *Centesimus Annus*: 36.

8. *Uma espiritualidade incarnada.* É indiscutível que os caminhos de Santiago nasceram cristãos e os peregrinos que os percorriam nasciam e cresciam num ambiente profundamente cristão. Actualmente, o caminho é percorrido por gente dos mais variados ambientes espirituais e com uma pluralidade de atitudes face à fé e à vida espiritual. Todavia, uma Europa peregrina tem de ser também uma Europa onde a vida espiritual tenha espaço para se desenvolver e ser apreciada. A Santiago de Compostela vai-se, em primeiro lugar, numa atitude de peregrino. Neste sentido continuam actuais as palavras de Torrente Ballester num livro genial sobre o universo compostelano. A terceira de seis advertências espirituais que Ballester apresenta, é dirigida àqueles que fazem o caminho meramente por razões estéticas. Por isso, diz Ballester, peregrinar a Compostela só para gozar a arte que os homens colocaram no lavar das suas pedras é uma forma de perder tempo e de desbaratar a eternidade.⁵⁰

O filósofo e teólogo Bernard Lonergan considera a espiritualidade como o empenho assumido e consciente para integrar a própria vida no horizonte da transcendência, aquilo que cada qual percebe como o valor último da sua existência. A espiritualidade traduz-se num compromisso com o absolutamente Transcendente que liberta a pessoa para se comprometer, responder, criar e transformar o mundo de valores finitos, o mundo das pessoas, sociedades e civilizações.⁵¹ Para Lonergan a espiritualidade não é auto-análise nem um exercício de afastamento da vida real, mas significa transformação do próprio «eu» e abertura ao Transcendente com a conseqüente inserção na história e na sociedade.

Pensamos que esta compreensão da espiritualidade é adequada para realçar um momento da peregrinação que tem sido pouco valorizado, mesmo pela investigação sociológica e antropológica: o regresso a casa.⁵² O regresso dos peregrinos a casa é um momento importante da peregrinação. Da parte da Igreja a preocupação em valorizar este momento só aparece esporadicamente. Todavia, na celebração do Ano Santo Compostelano de 2004 nota-se uma crescente preocupação da parte do magistério eclesial em acentuar a importância deste momento da peregrinação. Recorde-se, a este propósito, a mensagem que João Paulo II enviou ao arcebispo de Santiago de Compostela por ocasião da

⁵⁰ G. TORRENTE BALLESTER, *Compostela y su Ángel* (Madrid: Alianza Editorial, 1998): 201.

⁵¹ Sobre a espiritualidade em Lonergan, ver V. GREGSON, *Lonergan, Spirituality, and the Meeting of Religions* (Lanham: University Press of America, 1985): 75-76.

⁵² Sobre o regresso da peregrinação ver, por exemplo, P. PEREIRA, *Peregrinos: um Estudo Antropológico das Peregrinações a pé a Fátima* (Lisboa: Instituto Piaget, 2003): 173-178.

abertura da Porta Santa, onde, a dado passo, faz questão de sublinhar que o caminho de Santiago não é só uma meta: ao cruzar o majestoso Pórtico da Glória, os peregrinos, orientando a sua vida à luz das escrituras, regressam aos seus lugares de origem para ali serem testemunhas vivas e credíveis do Senhor.

Na carta pastoral preparatória do Ano Santo de 2004, o arcebispo de Compostela escreve que o peregrino contribui eficazmente para a construção da única Europa possível: a que tem uma referência espiritual com os seus princípios morais e sociais, a sua cultura, a sua arte e sensibilidade, ou seja, a que tem as suas raízes na tradição cristã que a impregnou profundamente em cada uma das suas fibras.⁵³ Sendo assim, uma Europa peregrina, bebendo nas suas raízes culturais e espirituais, deve transformar esse capital do passado, essa memória, esse património, num compromisso com o presente, agindo no meio. Só assim, a memória do passado se torna relevante e frutuosa. Utilizando a linguagem de Victor Turner, acima referida, o regresso a casa é o terceiro momento da peregrinação, a fase da reintegração, ou seja, a reintegração no meio para o transformar e para o transfigurar. No regresso, nada volta a ser igual. Na verdade, o caminho não tem só um sentido, não é unívoco; não é só uma meta, também é um recomeço. Regressar a casa com as mais-valias adquiridas na peregrinação é um elemento a ter em conta.

4. Conclusão

O recente alargamento da União Europeia com a adesão de dez novos países pôs, mais uma vez, em destaque a diversidade dos povos europeus não só no campo da língua e da cultura, mas também dos percursos históricos, da organização social e da religião. Na verdade, a Europa nunca foi um continente homogéneo. Na sua formação e percurso histórico podemos falar de uma pluralidade de caminhos que vão convergindo para a unidade europeia e ao mesmo tempo dando o seu contributo específico para a construção da nova Europa.⁵⁴

⁵³ Cf. Julián BARRIO BARRIO, *Peregrinos por gracia*, 68.

⁵⁴ É necessário frisar que a Europa é mais vasta do que a União Europeia. Aliás, esta ideia é particularmente defendida pelo papa João Paulo II. A imagem de uma Europa «do Atlântico aos Urais» usada por De Gaulle é retomada pelo papa para transmitir a sua própria visão de uma Europa da qual nenhum dos povos que nela vivem esteja excluído. Cf. A. MELLONI, «Imágenes y retos de Europa para la Iglesia: una perspectiva histórica sobre el catolicismo» in *Concilium* 305 (2004): 29-40.

Voltando aos caminhos de Santiago, verificamos que também eles foram e são plurais, sendo aliás curioso notar que, cada vez mais, se utiliza o plural para falar do «caminho de Santiago». Na verdade, não há um único caminho para Santiago, exclusivo e excludente. Neste sentido, é importante realçar que a formulação no plural «caminhos de Santiago» denota uma pluralidade não só de itinerários mas, também, de pontos de partida. Ora, os pontos de partida são diversos, não só do ponto de vista geográfico, mas também social, cultural ou religioso. A recente divulgação e a crescente valorização e utilização dos vários caminhos de Santiago que não o francês, permitirá adquirir outras perspectivas sobre a peregrinação jacobea. Cremos que o crescente interesse de peregrinos e de investigadores pelos outros caminhos, nomeadamente o português, o inglês e a via da prata, poderá fazer luz sobre as sociedades de onde partiam os peregrinos que utilizavam esses itinerários para chegar a Compostela, mormente os cristãos de Portugal, das Ilhas Britânicas e os cristãos moçárabes da Espanha sob domínio muçulmano. Parece-nos que a valorização – não só geográfica, estrutural e ambiental mas também simbólica e cultural – dos outros caminhos contribui para salientar a centralidade de Compostela como ponto convergente, acolhedor de múltiplas diferenças, reunidas à sombra emblemática do Apóstolo Tiago.

Como vimos anteriormente, uma Europa peregrina é uma Europa consciente das suas origens e que não pode fazer tábua rasa do passado nem do seu património cultural e espiritual. Uma Europa peregrina é também uma Europa comprometida com o presente e o futuro, dando primazia à defesa da pessoa humana e do bem comum. Ora, actualmente na Europa, jogam-se muitos interesses e confrontam-se propostas e projectos diversos, a nível social, cultural e político, alguns dos quais excluem ou ignoram a dimensão espiritual do homem. Os caminhos de Santiago, devido à sua importância histórica e significado espiritual, são sem dúvida um dos símbolos mais representativos, capazes de mobilizar os europeus para a construção de uma Europa aberta e acolhedora, unida apesar da diversidade dos seus povos, respeitadora da dignidade da pessoa humana e defensora da primazia do bem comum, uma Europa onde o ser se sobreponha ao ter e as pessoas às coisas.

